

Faculdade Cásper Líbero
1º Avaliação Língua Portuguesa III
Fernanda Nascimento de Carvalho Viana
RA - 2100029
3JOA

Trocando estações

Eu lembro o dia que a magia morreu dentro de mim. Observava duas crianças em um parquinho de um restaurante em uma tarde dos meus 13 anos.. Eu podia ter olhado para qualquer coisa naquele estabelecimento, mas algo nas risadas doces dos dois viajou pelo espaço lotado e barulhento e chegou até a mim.

À primeira vista não entendi o que tanto me cativava na cena, até encontrar os olhos da menina de tranças castanhas e não me reconhecer ali. As crianças brincavam em volta do que, para mim, era uma gangorra de madeira. Para elas? Não sei mais dizer. Foi nesse instante que perdi a chave da minha primavera, cristalizada em memórias de algodão-doce.

As duas crianças não se conheciam, mas brincavam por castelos e foguetes-espaciais com uma estranha familiaridade, que hoje teria medo de desbravar. Uma hora, o menino tropeçou e caiu no chão de joelhos. Olhou para mim com os olhos arregalados. Vai chorar, pensei. Imediatamente, um sorriso travesso preencheu seu rosto e logo já estava de volta na brincadeira. Enquanto isso, eu fiquei ali olhando para o espaço vazio onde antes estava e só conseguia pensar: Quando foi que tirei o véu da inocência dos meus olhos e passei a ter tanta consciência do que acontecia ao meu redor?

Os acordes mudaram dentro de mim, anunciados por um verão vermelho que eu tinha descartado como algo que só me tornaria mais legal aos olhos das outras meninas. Mas a ânsia por aprovação já não deveria ser um prenúncio do que estava por vir? O meu verão tinha chegado, e com ele veio as ondas quentes dos sentimentos à flor da pele, noites longas de novas inseguranças e chuvas grossas como as curvas que começavam a preencher meu corpo.

Certo momento, a mãe do garotinho o chamou para comer e com um aceno de mão a aventura acabou. As duas crianças provavelmente nunca mais iam se ver, mas guardariam para sempre dentro de si a alegria de terem vivido aquilo juntas.

E eu? Eu fiquei ali, presa no caminho entre dizer adeus às trancinhas e abraçar o que o verão traria. Prometi naquele dia guardar para sempre as minhas flores em um jardim que poderia acessar toda vez que lembrasse de enxergar a vida com olhos de criança travessa. A minha Terra do Nunca.